

DE PASSAGEM

Warley Matias de Souza

DE PASSAGEM



Souza, Warley Matias de, 1974-
De passagem / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2021.
64 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-32538-6

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD-869.93

DE PASSAGEM

Copyright © 2021 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Autorretrato*, de Ismael Nery.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

CAPÍTULO 1

Afetos e viadagens

Amanda tinha cinco anos, pele morena, cabelos cacheados, usava óculos e tinha perdido seu primeiro dente, bem na frente, uma janelinha incompleta. Já seu irmão Douglas tinha doze anos, uma pele muito branca, ruivo, olhos pretos e sardas. Sorria muito pouco, era um tanto mal-humorado.

— Dodô?

— Já falei pra não me chamar por esse apelido ridículo!

— Foi o Henrique quem te deu.

— Ele não tá mais aqui! Foi embora! Nem deve se lembrar mais da gente.

— É por isso que o papai anda tão triste?

— Ele gostava dele. Não entendo por que, mas gostava.

— Você também gostava.

— Mentirosa. Não gostava não. Era um chato cheio de viadagens.

— Sei que tá triste também, Dodô.

— Você não sabe de nada!

— Sei sim!

— Você é uma chata!

— Não sou não!

— É sim. Uma chatilda de quatro olhos.

Amanda começou a chorar.

— Papai! — gritou. — O Dodô tá me xingando!

Irândir desceu as escadas e, sério mas calmo, disse:

— Douglas, você é mais velho do que sua irmã. Não se comporte feito um bebê.

Olhou para Amanda:

— E você, mocinha, não precisa chorar à toa. Sabe que seu irmão está só brincando.

— Não tô não! — disse Douglas, de nariz em pé.

— Tá vendo, papai? O Dodô quer ser mau, não gosta de ser bom não.

— Seu irmão é bom, filhinha.

— Não é não, papai!

— Não sou não, papai.

Irandir colocou a mão no ombro do filho e disse-lhe:

— Douglas, você entende que preciso de você, meu filho? Já tem idade pra saber que está difícil pra mim depois que...

— Eu sei.

— Me ajuda, filho. Prometo que logo fico forte de novo. Mas agora...

Acariciou os cabelos do menino.

— Tá com saudade, né, papai? — intrometeu-se a menina.

— Depois reclama quando chamo ela de chata!

— Tá vendo, papai?

— Papai vai lá pra cima descansar um pouco — disse o menino, enquanto pegava a mão da irmã. — Vamos até a casa da vovó, fazer uma visita.

— Eba! — gritou a menina.

Ao sair de casa e fechar a porta, Douglas olhou para a irmã e falou:

— Amo o papai. Mas não suporto essa viadagem. Precisamos fazer alguma coisa, Amanda.

— Fazer o quê?

— Encontrar um namorado pro papai.

— Eba!

— Não vai ser assim tão fácil.

— E por que não?

— Porque ele ainda tem saudade do Henrique.

— Então é fácil. É só pedir pro Henrique voltar, ué.

— Isso é complicado.

— Não sei por quê.

— Porque adulto é complicado.

— É mesmo.

— Henrique foi embora porque quis, ele não gosta mais do papai.

— E por que não?

— Porque ele gosta mais de outro cara agora.

— E não pode gostar dos dois não?

— Parece que não.

— Olha aquele ali. Acho que o papai pode gostar dele.

Vamos lá chamar ele pra conhecer o papai?

— Não é assim que funciona.

— E como é então?

— Primeiro, temos que saber se o nosso escolhido quer alguém feito o papai.

- Qualquer um quer alguém feito o papai, Dodô!
- O Henrique não quis.
- É mesmo.
- Depois temos que bolar um plano, pra fazer o papai encontrar o escolhido sem saber que ele é o escolhido.
- Complicado demais, Dodô.
- Não quer ver o papai feliz?
- Tá bem. O que fazemos então?
- Na casa da vovó, faremos perfis de namorados.
- O que é isso?
- Uma viadagem.
- Mas você não gosta de viadagem.
- Pelo papai, eu faço uma viadagem.
- E como se faz essa viadagem?
- A gente senta e anota as características do namorado perfeito pro papai.
- Eba! Parece divertido.